

## FRAGMENTOS DE IDENTIDADE, DESESTRUTURAÇÃO DO EU: VIOLÊNCIA E TRAUMA EM *CORPO DESFEITO*

GABRIELA DE  
LIMA BARBOSA<sup>1</sup>

## FRAGMENTS OF IDENTITY, DESTRUCTURING OF THE SELF: VIOLENCE AND TRAUMA IN *CORPO DESFEITO*

NICIA PETRECELI ZUCOLO<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo de que forma o trauma, causado por diferentes formas de violência, decorrentes de uma mentalidade doutrinada pela dominação masculina, interfere na relação entre a memória e a construção da identidade, tanto individual quanto coletiva, a partir da obra *Corpo desfeito* (2022), de Jarid Arraes. O romance apresenta a história de Amanda, uma menina que vive em Juazeiro do Norte, com sua mãe, Fabiane, e seus avós maternos, Jorge e Marlene. Após o acidente fatal de Fabiane, Amanda fica sob os cuidados integrais da avó, que inventa um culto à filha falecida por meio do qual impõe diversas regras à neta, marcadas pelo fanatismo religioso e diversas situações de violências. No que tange à identidade coletiva, investigamos como a cultura de Juazeiro do Norte molda não somente o espaço como também institui uma ética religiosa que influencia no comportamento das personagens, como membros de uma comunidade. Quanto à identidade individual, a partir da vivência de Amanda, analisamos como o trauma é um fator que interfere na construção identitária, inescapável da cultura social e familiar que cerca o sujeito, provocando rupturas na memória e episódios de dissociação da narradora. Como aporte teórico, foram utilizados Stuart Hall (2006), Jan Assmann (2016), Aleida Assmann (2011), Maurice Halbwachs (1990), Sigmund Freud (1996a, 2011).

**Palavras-chave:** identidade; trauma; fragmentação do eu.

**Abstract:** This paper aims to discuss how trauma interferes with the relationship between memory and the construction of identity, both individual and collective, based on Jarid Arraes's work *Corpo desfeito* (2022). The novel tells the story of Amanda, a girl who lives in Juazeiro do Norte with her mother, Fabiane, and her maternal grandparents, Jorge and Marlene. After Fabiane's fatal accident, Amanda is left in the full care of her grandmother, who invents a cult around her deceased daughter, imposing various rules on her granddaughter, marked by religious fanaticism and various situations of violence. With regard to collective identity, we investigate how the culture of Juazeiro do Norte not only shapes the space but also establishes a religious ethic that influences the behavior of the characters as members of a community. As for individual identity, based on Amanda's experience, we analyze how trauma is a factor that interferes with identity construction, inescapable from the social and family culture that surrounds the subject, causing ruptures in memory and episodes of dissociation in the narrator. As theoretical support, we used Stuart Hall (2006), Jan Assmann (2016), Aleida Assmann (2011), Maurice Halbwachs (1990), and Sigmund Freud (1996a, 2011).

**Keywords:** identity; trauma; fragmentation of the self.

**COMO CITAR:** BARBOSA, Gabriela de Lima; ZUCOLO, Nicia Petreceli. Fragmentos de identidade, desestruturação do eu: violência e trauma em *Corpo desfeito*. **Boitatá**, Londrina, v. 20, n. 40, p. 1-12, jul./dez. 2025. ISSN 1980-4504. DOI: 10.5433/boitata.2025v20.e53457

1 Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, membro do grupo de pesquisa Relações de gênero, poder e violência em literatura. E-mail: gabriela.liima028@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4036-4998>.

2 Doutora em Letras - Literatura Portuguesa - USP. Professora do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, líder do grupo de pesquisa Relações de gênero, poder e violência em literatura. Email: niciazucolo@ufam.edu.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8544-7925>.

## INTRODUÇÃO

A obra *Corpo desfeito* é o romance de estreia da escritora brasileira Jarid Arraes, publicado em 2022. A obra tem como narradora a personagem Amanda, uma menina que vive na região do Cariri, em Juazeiro do Norte, com sua mãe, Fabiane, e seus avós maternos, Jorge e Marlene, em um lar disfuncional cercado por conflitos e violências. Fabiane engravidou de Amanda com 15 anos de idade e nunca revelou quem era o pai da menina, o que desagradou seus pais. A trama do romance se desenrola a partir do acidente fatal sofrido por Fabiane no dia do aniversário de doze anos de Amanda, momento em que a menina passa a ficar sob os cuidados integrais da avó, uma devota religiosa com ideias extremistas que, movida por interesses pessoais e amparando-se no discurso religioso, inventa um culto à filha falecida, visando controlar sua neta. Marlene alega que Fabiane virou santa e que a visita em seus sonhos, repassando instruções que manterão Amanda no caminho da pureza.

O romance permite explorar diversas temáticas, mas, neste artigo, analisa-se de que forma a cultura, o espaço e o trauma, estruturados pela memória, se entrelaçam na construção da identidade coletiva e individual, influenciando as escolhas, vivências e percepções das personagens do romance. Por trazer como espaço a região de Juazeiro do Norte, conhecida como berço da religiosidade popular nordestina por conta de Padre Cícero (Vicelmo, 2005), a obra põe em questão como o sincretismo religioso, os valores e as crenças populares possuem um importante papel para a cultura local, para o estilo de vida dos moradores, funcionando como uma régua moral do que pode ou não ser feito e do que é moralmente aceito. Pelo viés da Geografia Cultural, o espaço assume um teor para além da configuração física, como um: “[...] espaço vivido, onde o homem constrói e percebe o mundo em que vive, onde a essência do espaço é percebida através da significação que o homem dá ao mesmo no ato de construí-lo.” (Pereira; Oliveira, 2009, p. 41). Assim, entende-se que Juazeiro do Norte não é apenas um cenário, mas um espaço dotado de significação que opera na formação de identidades.

De acordo com Stuart Hall, a identidade é “[...] formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]. É definida historicamente, e não biologicamente” (Hall, 2006, p. 13). Logo, ela é formada a partir da interação que o sujeito terá com o mundo social e cultural, o qual é composto “[...] não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (Hall, 2006, p. 12), o que destaca que ela não é fixa nem estável, mas mutável e multifacetada. Além disso, alinhando seu pensamento sobre a influência dos sistemas culturais no processo formativo da identidade, o autor também argumenta como as culturas nacionais atuam na construção de uma identidade compartilhada que, por meio de narrativas, símbolos e tradições, fazem com que os sujeitos se reconheçam como parte de um coletivo maior:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 2006, p. 50).

Ao entendermos cultura na acepção proposta por Hall (2006), isto é, de que ela é um compartilhar de ideias e conceitos, percebemos como linguagem, signos, imagens trabalham no amálgama de aspectos que geram a cultura nacional.

Essa cultura, a nacional, de forma ambivalente, ao mesmo tempo em que gesta a si mesma, necessita do processo de construção e manutenção a partir de instituições, símbolos e representações que garantam sua permanência e sua incorporação à identidade. Pensar sobre identidade requer pensar sobre quais são os elementos que contribuem para a sua formação. Esses elementos podem ser culturais, sociais, históricos ou até mesmo emocionais, uma vez que fazem parte das dinâmicas de interação entre os sujeitos, conectando as experiências do presente com as heranças do passado. Todos eles possuem um fator em comum, responsável por sua manutenção e integração à sociedade: a memória. Acerca desse elemento, Jan Assmann destaca que: “Memória é a faculdade que nos capacita a formar uma consciência da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo.” (Assmann, 2016, p. 116), ou seja, a memória constitui um papel integrante na formação das identidades.

Jan e Aleida Assmann (2016) possuem trabalhos nos quais propõem uma reconfiguração do conceito de memória coletiva criado por Maurice Halbwachs (1990), subdividindo-o em memória comunicativa e memória cultural. No contexto apresentado, a memória cultural é a que está ligada à transmissão da cultura e à construção de uma identidade coletiva, sendo definida como: “[...] uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural.” (Assmann, 2016, p. 118). Logo, para este trabalho, será adotado o termo “identidade coletiva” para referir-se ao conjunto de elementos que, associados à memória cultural, definem e moldam o pertencimento dos sujeitos a um grupo.

Trazendo essa relação entre memória e identidade para o viés psicanalítico, visando abordar sua dimensão individual, um outro conceito também se faz necessário: o de trauma. A relação é necessária por conta do desenvolvimento de Amanda, marcado pelo trauma gerado pelas ações de sua avó.

Para definir trauma, Sigmund Freud (1996a) parte, primeiramente, da noção de prazer; na qual o aparelho psíquico consegue descarregar as tensões desprazerosas e manter a sensação de alívio. Em contrapartida está a noção de desprazer, que é quando ocorre uma ruptura na capacidade do aparelho psíquico de processar o excesso de estímulos externos negativos, associados à excitação psíquica, o que configura o trauma (Freud, 1996a, p. 5-6). Acerca de como seriam as excitações traumáticas, Freud (1996a, p. 20) afirma que:

[...] descrevemos como ‘traumáticas’ quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente uma conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficazes contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de ação. Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja inundado com grandes quantidades de estímulos; em vez disso, outro problema surge, o problema de dominar as quantidades de estímulo que irromperam, e de vinculá-las no sentido psíquico, a fim de que delas se possa então desvencilhar.

Portanto, o que ocorre no aparelho psíquico durante uma experiência traumática é a sobrecarga de emoções, que se misturam e contradizem, fazendo com que o sistema psíquico seja incapaz de processá-las integralmente. Essas emoções podem estar associadas ao sofrimento, à dor e ao medo, o que aciona as medidas defensivas do aparelho psíquico que tentam proteger o *eu*, mas que nem sempre conseguem fazê-lo, reprimindo a memória dessas sensações no inconsciente.

Em *Corpo desfeito*, as experiências de Amanda podem ser compreendidas à luz dessa concepção de trauma. Desde muito nova, a personagem é submetida a episódios sucessivos de violência física e psicológica que, considerando a constância e a intensidade, a levam a passar por circunstâncias extremas que ultrapassam sua capacidade psíquica de elaboração. A repetição das agressões e a ausência de acolhimento emocional resultam na ruptura do escudo protetor mencionado por Freud, pois a impede de entender e trabalhar o trauma, interferindo na constituição de sua identidade individual. Assim, a partir da concepção freudiana, quando o trauma ocorre, a memória dessa experiência não pode ser facilmente acessada e processada pois está fragmentada ou é reprimida. Do mesmo modo que a memória possibilita a construção da identidade, a sua fragmentação pode provocar uma ruptura no modo como o sujeito reconhece a si próprio, o que interfere diretamente na formação do *eu* e, por consequência, da identidade individual.

Neste sentido, no romance, os fatores culturais, sociais, espaciais e pessoais atuam em conjunto, influenciando diretamente na vivência e percepção das personagens, ora deixando em evidência as dinâmicas sociais, ora trazendo o foco para questões internas, inerentes ao eu. O artigo está estruturado em duas partes: a primeira analisa a memória cultural e a identidade coletiva no romance, enquanto a segunda investiga a identidade individual e a influência do trauma na construção subjetiva da protagonista.

### *Memória cultural, espaço e identidade coletiva*

Como mencionado anteriormente, a memória possui um importante papel na formação da identidade. Em *Corpo desfeito*, a cidade de Juazeiro do Norte funciona como um espaço memorialístico, pois ela é toda preenchida por símbolos que preservam a identidade coletiva, alicerçada na religiosidade, principalmente, por conta de Padre Cícero, que ganhou notoriedade no Brasil em 1889, após seu suposto milagre eucarístico, no qual viu uma hóstia ficar da cor vermelha. O milagre não foi reconhecido pelo Vaticano, mas isso não impediu a adoração popular pelo beato, que possui uma estátua com 27 metros de altura em sua homenagem em Juazeiro do Norte (Estátua [...], 2024).

No romance, a memória cultural está intimamente relacionada à religiosidade popular, que atua na estrutura da formação da identidade coletiva. Neste espaço, dota-se de representações de culpa, sacrifício e martírio, reforçando os modelos de comportamento que devem ser adotados e suscitando um certo temor na população, como um lembrete de punição para aqueles que não se adequarem, influenciando diretamente na vivência das personagens, ilustrado a seguir.

Para legitimar o culto inventado, Marlene encomenda uma estátua de santa com o rosto de Fabiane. Inicialmente, o artesão se mostra receoso: “ – Deixe o padre dizer antes, vou perguntar se é desgosto pra Nosso Senhor, aí se ele falar que pode, eu faço. Que eu não quero dar na desgraceira depois.” (Arraes, 2022, p. 10-11). Seu comportamento mostra como o pensamento religioso compartilhado no espaço de Juazeiro do Norte é

também um mediador das escolhas individuais, demonstrando como elas estão vinculadas principalmente ao senso de pertencimento, à identidade coletiva, sendo sempre *lembradas*, pois, segundo Jan Assmann (2016, p. 122): “[se] lembrar é uma realização de pertencimento, até uma obrigação social. Uma pessoa tem que lembrar para pertencer [...]”. Essa situação evidencia a força que o pensamento religioso internalizado possui, regulando condutas e escolhas das personagens.

Mesmo assim, diante da quantia de dinheiro oferecido, ele decide fazer o trabalho, mas não sem antes buscar uma justificativa, ao perguntar à Marlene sobre a suposta santidade de Fabiane: “ – Mas era santa, assim, como? – Boa, paciente, pelejou muito na via, morreu de injustiça” (Arraes, 2022, p. 11). A aceitação da encomenda parece menos motivada por uma crença genuína na santidade da mulher que por uma tentativa de legitimar sua escolha, livrando-se do peso da culpa que poderia recair sobre sua consciência.

No romance, é possível observar como a memória coletiva também se manifesta na esfera privada – no ambiente familiar. A família, enquanto instituição, torna-se um núcleo de conservação e reprodução da cultura local, transmitindo as crenças, práticas cotidianas, os valores morais e, também, as estruturas de violência. O discurso religioso está ligado ao discurso patriarcal e, ao ser internalizado, reforça a aceitação de papéis opressivos e de submissão, especialmente mulheres.

Esse comportamento pode ser observado na personagem Marlene, que vive um relacionamento abusivo com Jorge, sendo vítima de violência doméstica: “Quando casou, vó foi ameaçada de morte muitas vezes. Muitas vezes quase foi morta. Jamais faltaram motivos para que vô Jorge, virado na cachaça, aceitasse o impulso de pegar uma peixeira” (Arraes, 2022, p. 25). Mesmo diante de várias situações de violência, Marlene se posicionava a favor de seu casamento, evocando a figura de Virgem Maria para demonstrar a sacralidade de sua união:

– Tu não tem marido e acha que eu vou jogar o meu fora?

[...]

– Pelo menos te dei pai. Essa menina tá jogada. Apontou para mim [...] Então se aproximou tremendo, mas a voz não falhava. Disse que marido é coisa sagrada, casamento é coisa sagrada, é a vontade da Virgem Maria, que as esposas sejam pacientes, que aceitem sua missão. E ela não julgaria nenhuma das amantes de vô Jorge, porque como ela, suportavam suas provações (Arraes, 2022, p. 35).

O fragmento mostra como Marlene exalta um modelo no qual o papel tradicional da mulher em um casamento é servir e ser submissa ao marido, aceitando o que chama de “provações”, reflexo do pensamento patriarcal cristão. Assim como os símbolos espalhados por Juazeiro, a menção à Virgem Maria é dotada de significados, entre os quais pode-se destacar o sacrifício, a paciência e a aceitação de sua missão divina; Marlene reproduz a associação à sua missão dentro do casamento, sem questionar ou compreender que a situação em que ela se encontra é preocupante.

Nesse contexto, é possível compreender o comportamento de Marlene como um efeito da violência simbólica, a qual, segundo Pierre Bourdieu (2024, p. 64–65):

[...] se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de mais que instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural [...], quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e avaliar, ou para

ver e avaliar os dominantes [...], resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é produto.

A adesão de Marlene à lógica da dominação não se dá de forma consciente, como pontuado na citação de Bourdieu, mas pela internalização das estruturas simbólicas que definem o modo como ela se vê e como vê o mundo ao seu redor. A percepção de Marlene é moldada a partir dos discursos dominantes – religioso e patriarcal –, reproduzindo a justificativa de manutenção do seu casamento e permanência nele, mesmo se tratando de uma relação abusiva. Nesse sentido, a memória coletiva compartilhada em Juazeiro do Norte, no romance, com os valores morais e religiosos, opera como uma forma do poder simbólico que perpetua esse modelo de dominação.

Outro ponto a ser destacado diz respeito a como a construção da identidade coletiva, pautada nos preceitos religiosos, é constantemente reforçada e incorporada desde a infância. Como mencionado, Marlene cria um culto (para a neta) à Fabiane e incorpora a ele elementos das religiões tradicionais, como a devoção à imagem de figuras santificadas, a crença em situações milagrosas, a exigência da obediência cega, do sacrifício e da submissão, tidos como virtudes indispensáveis. Por pertencer a um espaço – tanto público, a cidade, como privado, a família – que valoriza a devoção sem questionamento e por conta da pouca idade, Amanda incorpora com certa facilidade os mandamentos do culto inventado por sua avó.

Um deles diz respeito a uma norma de vestimenta, segundo a qual a menina deveria vestir-se com sandálias de couro marrom, um vestido azul abaixo dos joelhos e o cabelo preso em um coque, usado a todo momento, inclusive para ir à escola. Essa situação acabou atraindo atenção para Amanda, que ficou conhecida como “[...] a garota do vestido azul, a que parecia uma freirinha.” (Arraes, 2022, p. 77). Diante dos inúmeros questionamentos que ela recebia dos colegas da escola e como forma de dar uma justificativa satisfatória para que eles a deixassem em paz, Amanda recorreu a uma resposta que era familiar a todos, a promessa, como exemplificado a seguir:

Sim, a roupa, a sandália, o meu cabelo, tudo tinha a ver com crença. Com promessa.

Quando soltava a palavra promessa, não precisava contar o que vivia. Promessa já era de casa, coisa familiar. Em Juazeiro tinha gente pagando promessa o tempo todo. Também percebia que as pessoas, mais ou menos, tentavam respeitar a religião dos outros. [...]

[...] Ninguém imaginava o significado do vestido azul, mas todos sempre souberam o que é uma promessa. E promessa é muito mais fácil de deixar respirar (Arraes, 2022, p. 77-78).

Esse trecho revela como esse pensamento, enraizado e transmitido por meio da memória cultural, se reflete na identidade coletiva compartilhada pelo grupo. Amanda percebe que, ao dizer que sua aparência está relacionada à promessa, ela seria compreendida e, de certo modo, protegida, pois há, em seu discurso, um reconhecimento coletivo, compartilhado também pelo grupo. Os colegas de escola de Amanda são crianças, assim como ela, mas que desde cedo já internalizaram que determinados comportamentos e crenças não podem/devem ser questionados, pois foram incorporados no espaço em que vivem como sendo naturais e integrados ao seu cotidiano. O próprio termo “promessa” já carrega consigo um valor simbólico que é amplamente aceito, familiar e que, portanto, dispensa questionamentos. Disso, resulta que muitas pessoas reproduzem atitudes, crenças e tradições pelo fato de estarem consolidadas em suas identidades.

*Memória, identidade individual e trauma*

Amanda é uma narradora autodiegética, isto é, uma narradora em primeira pessoa, permitindo acesso à sua subjetividade e, por consequência, abrindo espaço também para análise acerca do processo de construção de sua identidade individual, atravessada pela violência, pelo trauma e, claro, pela identidade coletiva que permeia o meio em que vive. Nessa perspectiva, ao investigar a identidade em sua dimensão individual, é possível englobar um caráter interacionista, já que “[...] para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (Halbwachs, 1990, p. 54).

Observa-se que Amanda cresceu em um lar abusivo cercada por conflitos, exposta à violência, tanto em relação às agressões de Jorge contra Marlene como quanto às agressões verbais que direcionavam à sua mãe, sobre sua gravidez precoce, criticando sua conduta de mãe solteira, o que também atingia a menina em algum nível. Neste sentido, presenciar e vivenciar situações de violências pode moldar a percepção e a identidade de alguém, principalmente, quando tais situações ocorrem durante a infância, quando a criança ainda está assimilando os valores sociais e começando a se entender como um sujeito.

As falas dos avós alimentavam nela um forte sentimento de culpa em relação à sua própria existência: “[...] Carreguei por muito tempo o peso de interromper a vida de mainha. Queria a sensação de assistir ao cancelamento da praga que foi fecundada junto de mim” (Arraes, 2022, p. 21). Esse sentimento se intensificou no dia da morte de sua mãe, que, por coincidência, ocorreu no dia do aniversário de Amanda: “Pela segunda vez, mainha perdia a vida na data do meu nascimento” (Arraes, 2022, p. 22). Além de toda a carga emocional que esse acontecimento desencadeou nela, a menina também teve acesso aos detalhes brutais de como a mãe morreu, o que certamente ficou fixado em sua mente, aumentado pela imaginação: “a cabeça foi esmagada pela roda e ficou debaixo do pneu por horas. O sangue cozinhando no mormaço, as bolhas estourando no asfalto quente” (Arraes, 2022, p. 22). Amanda não teve tempo de processar o que aconteceu e viver o luto por sua mãe, pois Marlene, que sempre desprezou a própria filha, decidiu que viveria reclusa o luto por Fabiane, deixando para a neta as obrigações de uma pessoa adulta:

Achei que passaria por alguns meses muito difíceis a partir daquele dia, mas vó frustrou meus planos de sofrimento e disparou na minha frente. [...] Eu nem sabia que vó seria capaz de chorar por mainha.

Ela não saía da cama para nada, nem para comer, nem para tomar banho, nem para usar o banheiro [...] (Arraes, 2022, p. 23-24).

As situações expostas configuram-se como experiências traumáticas, isto porque o trauma possui um caráter multifacetado, podendo estar também no campo do simbólico, através dos significados atribuídos a determinados acontecimentos e dos sentimentos gerados nesses momentos. De acordo com Aleida Assmann: “o trauma estabiliza uma experiência que não está acessível à consciência e se firma nas sombras dessa consciência como presença latente” (2011, p. 277), isto é, quando uma experiência não é processada adequadamente, pode acarretar diversas consequências para o aparelho psíquico, já que as percepções são recalçadas, sentidas apenas como uma presença latente que, em termos freudianos, se refere ao inconsciente:

Portanto, adquirimos nosso conceito de inconsciente a partir da teoria da repressão. O reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente. Mas vemos que possuímos dois tipos de inconsciente: o que é latente, mas capaz de consciência, e o reprimido, que em si e sem dificuldades não é capaz de consciência (Freud, 2011, p. 13).

Considerando isso, pode-se dizer que o inconsciente latente envolve a internalização dos discursos dos avós, que a fizeram desenvolver o sentimento de culpa em relação ao sofrimento da mãe e moldaram nela uma visão negativa de si própria, enquanto o inconsciente reprimido pode estar relacionado ao impedimento de vivenciar o luto. De toda forma, mesmo estando no inconsciente, as percepções continuam influenciando os comportamentos do sujeito, pois são introjetadas naquilo que constitui a sua identidade. Em outro texto, Freud (1996a, p. 47) aponta, ainda, a interferência do grupo no que é armazenado no inconsciente:

[...] seria bastante dizer que, num grupo, o indivíduo é colocado sob condições que lhe permitem arrojá-lo de si as repressões de seus impulsos instintuais inconscientes. As características aparentemente novas que então apresenta são na realidade as manifestações desse inconsciente.

Alinhada a essa afirmação e retomando o pensamento de Maurice Halbwachs (1990), Aleida Assmann expressa que: “em suma: definimo-nos a partir do que lembramos e esquecemos juntos” (2011, p. 70), cabendo aqui a interpretação de que a identidade individual é formada, também, a partir da memória compartilhada coletivamente. Considerando a identidade coletiva presente em Juazeiro do Norte, nota-se que Amanda também internalizou a cultura religiosa da região, na qual acontecimentos milagrosos não são improváveis.

Assim, quando a avó afirma que Fabiane virou santa e que ela a visita em sonhos, a neta acredita, o que também está associado ao fato de que a morte da mãe não foi devidamente processada por Amanda, motivo que a faz se apegar a essa nova realidade. Para conseguir manipular a menina, Marlene incorpora nesse culto inventado elementos que já fazem parte do cotidiano delas, adaptando-os de acordo com o novo culto, como a lista de obrigações e proibições, a oração “Santa mãe, Santa filha” e, principalmente, a estátua, a representação material dessa sacralidade:

Talvez tivesse abraçado a afirmação de que mainha era mesmo santa.

[...] Tinha um pouco de vergonha de minha nudez. Mas esse era o gesto que me abençoava, que purificava, que protegia meu corpo do mal, da impureza, da sujeira. Eu queria que mainha, santa, olhasse por mim a todo instante, sem nunca parar, sem nunca desistir de mim, sem nunca ignorar minhas angústias, e que tivesse orgulho do que encontraria quando voltasse sua atenção para meus pensamentos encantados. Que bonita era a certeza de que eu não estava sozinha (Arraes, 2022, p. 65-66).

O trecho destacado apresenta a reação de Amanda ao se deparar, pela primeira vez, com a estátua que traz o rosto de sua mãe esculpido no corpo de uma santa. Para além do aspecto sacro, percebe-se que o objeto também carrega consigo um outro elemento, que torna a manipulação ainda mais efetiva: o afeto. Quando olha para a estátua, Amanda não enxerga apenas a imagem de uma santa, mas sim a imagem de sua mãe-santa, representando a possibilidade de se aproximar dela e de se sentir cuidada e vista. Essa proximidade almejada não foi possível em vida, pois Fabiane não pôde oferecer à filha a presença afetiva de que ela necessitava. Dessa forma, por mais que o culto surgisse para Amanda, inicialmente, como uma imposição, a possibilidade de aproximação com a mãe deu a ele novos contornos, fazendo que ele se configurasse também como um espaço onde pudesse projetar seus desejos, suas carências, seus medos — mediado pela relação afetiva.

Ao falar sobre os estabilizadores da recordação, Asmann pontua a importância do afeto na memorização das recordações e exemplifica citando Rousseau: “eu posso deixar lacunas nos fatos, eles se movem, posso atrapalhar-me com as datas, *mas não posso me enganar sobre o que senti*” (Rousseau *apud* Assmann, 2011, p. 271). A estátua, por trazer a feição de Fabiane, ocupa esse campo do afeto para Amanda, fazendo-a lembrar-se da mãe com carinho e apegar-se às regras que precisa seguir. Contudo, em dado momento da narrativa, os rituais e a própria estátua assumem um teor negativo e, ao invés de conforto, passam a provocar medo, o que desencadeia um de seus primeiros episódios de dissociação:

– Sua mãe vê tudo, Amanda.

[...] Como se escutasse atenta, a estátua de mainha parou seus olhos esculpidos dentro dos meus. O corpo pelado virou fumaça de anseio e me enxerguei flutuando pelo quarto. [...] e, de tanto querer, me soltei de minha carne (Arraes, 2022, p. 8).

Como resposta ao acúmulo de situações traumáticas não processadas corretamente e à nova significação afetiva que seu inconsciente atribui à santidade vigilante da mãe, Amanda se dissocia, como um mecanismo de fuga da realidade dolorosa em que se encontra, afinal tantas e diversas violências sofridas ao longo da infância desencadearam esses processos, em que “[...] a pessoa sente que uma parte da realidade, ou que uma parte do seu próprio eu, lhe é estranha” (Freud, 1996b, p. 159), escapando do conflito com a realidade. Outro exemplo de episódio dissociativo é quando Amanda estava sendo violentamente agredida pela avó, após se atrasar para retornar ao sítio:

Bati a cabeça no chão e fiquei me debatendo para tentar levantar. Vó me pôs de pé à força, cravando as unhas em meu braço. [...] Ela me bateu na cara com tapas, puxou meu cabelo [...] que ficou com vários fios nas mãos [...] Me encostou contra a parede pressionando meus ombros, que estralaram, e tive muito medo de que ela fosse quebrar meus ossos. [...] tirou a mangueirinha de plástico. Dobrou ao meio como um chicote e então eu me despeguei do meu corpo. Me enxerguei do canto do banheiro, toda mole, tentando me manter de pé segurando no registro do chuveiro. Eu flutuava pairando ao redor do meu corpo curvado [...]. Depois que ela saiu, me entreguei à dor. [...] Não sabia o que estava acontecendo fora do quarto, não escutava nenhuma voz, mas senti o tempo passar devagar (Arraes, 2022, p. 97–98).

A cena apresentada acima descreve uma das agressões mais violentas sofridas por Amanda, na qual ela é brutalmente atacada pela avó. O teor da cena deixa evidente a intensidade da dor física infligida a ela, em um grau tão profundo que, em dado momento, se torna insuportável, fazendo que ela se “despegue” do próprio corpo. Isso é uma estratégia de defesa, ação de sua mente para protegê-la da realidade dolorosa, deixando claro como ocorre o funcionamento do mecanismo de dissociação. Ao se enxergar “fora do corpo” – daquele corpo que está sendo desfeito – ela também se distancia da dor.

A dissociação causa uma ruptura na percepção dos acontecimentos, além de uma fragmentação da memória, o que provoca uma desintegração do *eu* com a realidade e consigo mesmo. Aleida Assmann, ao citar a tese de Nietzsche, aponta que é através da dor que uma memória se fixa de forma mais eficaz: “[...] ‘Marca-se a fogo, e com isso alguma coisa ficará na memória; só o que não termina, *o que dói*, fica na memória’” (Assmann, 2011, p. 263, grifo da autora). É por meio da dor, principalmente, que as experiências são injetadas em Amanda e se fixam em sua memória, moldando sua identidade. Neste aspecto, o corpo funciona como metáfora para ser, ele também, um espaço da memória, desocupado, vazio.

Quanto mais ela tinha seu corpo desfeito, mais sua mente buscava refúgio longe daquela realidade. O estado de debilidade psíquica de Amanda se agravou à medida que as agressões se intensificaram. Qualquer mínimo desvio em relação às regras da avó se tornava um motivo para punição, sendo afastada da escola, dos amigos e de qualquer bem material que a fizesse minimamente feliz. Estar imersa em uma realidade traumática e que não oferecia meios de distração fez com que sua percepção fosse se tornando fragmentada, além de interferir na maneira como ela se percebia no mundo: sua autoestima minada, seus sonhos e perspectivas anuladas, isolada e em constante estado de alerta para não ser punida. Além disso, como Marlene se apropria da figura de Fabiane — que, na lógica do culto, é divinizada como a “Santa Mãe” — distorcendo os desejos que ela tinha para Amanda, deixando a neta cada vez mais confusa por conta da clara contradição. Através da manipulação, a avó faz Amanda acreditar que todo sofrimento que lhe é imposto corresponde à vontade de sua mãe, que é um caminho necessário para que ela alcance a pureza.

Próximo ao final da narrativa, Marlene aplica uma nova punição à neta, deixando-a trancafiada no quarto “oratório”, que contém apenas a estátua de Fabiane, nenhum móvel. Após ficar dias presa lá, com sede, fome, frio, dormindo em cima de seus próprios excrementos, imersa em uma confusão mental e tendo episódios de delírio, a avó permite que ela saia.

Conforme Amanda é levada ao limite físico e psíquico pelas violências sofridas, além da dissociação, que acontece de modo inconsciente, uma ruptura para manter um mínimo de integridade mental, ela vai ganhando uma consciência sobre si, sobre a dor, deixando mais claro — ainda — que a dissociação é inconsciente: “a dor não se controla, não se doma. Não a minha. Tantas vezes pesadelos e imagens, tantas vezes os gritos. Os pesadelos diante dos meus olhos abertos e a repetição de que aquilo não é real. Não é real, não é de verdade. Mas também era” (Arraes, 2022, p. 116). Ela tem essa percepção enquanto limpa o quarto onde ficou confinada. Na sequência, ela se distrai embaixo de uma árvore, brincando com seu soim, que entra no oratório cuja porta ficou aberta e derruba a estátua. Assim que a menina percebe e recoloca a estátua no lugar, Marlene chega, “farejando o problema como uma cadela louca com espuma na boca” (Arraes, 2022, p. 118) e avança sobre Amanda. Nesse momento, Amanda reage: após ser ameaçada de morte pela avó, ela joga a estátua da mãe no chão, que racha.

Quando a menina quebra a estátua e percebe que não houve nenhum castigo divino por seu ato, ela quebra também a redoma ilusória a que a avó a condenou e percebe que desde o início estava sendo manipulada por ela. Marlene ainda faz uma última tentativa de agredir a neta. Amanda não aceita a agressão passivamente, empurra a avó, que cai; humilhada, a avó desiste da agressão e Amanda constata, já livre do poder manipulador da avó que

[s]e a tristeza de seu rosto era real, só estava ali pela desolação que era perder sua autoridade. Eu não tinha planos, não fazia ideia do que aconteceria depois. Só queria ir para meu quarto. E como se pensássemos na mesma solução, ela também foi para o seu e fechou a porta (Arraes, 2022, p. 120).

No dia seguinte, Amanda descobre que a avó morreu. Sua morte, neste sentido, também representa uma libertação para a menina.

Ao final da narrativa, é apresentado que agora Amanda terá uma nova vida: ela irá morar no sítio, com sua tia Margarete. A promessa de uma vida diferente fica expressa nos trechos finais: “levantei para ir embora e deixei a estátua em pé sobre a terra mexida onde o corpo de vó estava enterrado. Na casa que já se desfazia, restei com minhas malas para

uma vida diferente. Numa delas, os dois vestidos azuis.” (Arraes, 2022, p. 123). Contudo, a partir desse trecho, infere-se que a concretização de uma vida diferente não será totalmente possível, uma vez que ela se desprende da estátua, mas leva consigo os vestidos azuis, que, de forma alegórica, podem ser uma representação dos traumas vividos por ela.

A experiência traumática não pode ser separada totalmente da vida de Amanda, pois todas as situações pelas quais ela passou, o sentimento de culpa, vergonha, as dissociações, interferiram em sua identidade, causando, antes de qualquer outra coisa, não uma construção, mas uma fragmentação do *eu*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Corpo desfeito* (2022) traz em sua narrativa diversos elementos que contribuem para a discussão acerca da relação entre memória e construção da identidade. A apresentação do espaço sacralizado de Juazeiro do Norte, com ênfase nos objetos sagrados e na moral das personagens, já introduz a ideia de que uma certa ética religiosa, pautada no sincretismo, é o que rege os comportamentos e ações que irão se desenrolar ali. O leitor entende que o posicionamento do artesão e dos colegas de Amanda se dão mediante o alinhamento ao pensamento dominante daquela região, assim como as escolhas de Marlene de permanecer em um relacionamento abusivo, diante de uma distorção da religiosidade que, ao invés de significar acolhimento e cura, se transforma em um instrumento de controle e submissão. Essa visão deturpada, reforçada pelos elementos que constituem a memória coletiva – por meio da cultura, das simbologias e dos discursos sobre moral – leva à normalização de abusos e cria uma dinâmica de opressão, o que afeta Marlene e acaba sendo perpetuado na criação de Amanda.

No âmbito individual, é possível entender que a identidade coletiva também influencia na construção subjetiva do sujeito, o qual vai estabelecer seus valores e crenças a partir da vivência compartilhada com o grupo ao qual pertence, podendo concordar ou discordar dos princípios deste último, mas sempre usando o *Outro* como parâmetro. Para além disso, o trauma é outro fator que também interfere na construção dessa identidade individual, já que ele causa uma ruptura com a realidade, visto que as experiências traumáticas muitas vezes não são devidamente assimiladas pelo aparelho psíquico – dada a sua intensidade e imprevisibilidade – e ficam armazenadas no inconsciente, causando uma fragmentação da memória e, por consequência, da formação de identidade do *eu*.

A partir da vivência de Amanda, nota-se como as experiências traumáticas interferiram na percepção que ela tinha de si própria, impactando sua autoestima e criando um ambiente inóspito para que ela pudesse construir sua individualidade, suscitando nela episódios de dissociação como uma forma de suportar o insuportável. A compreensão que se tem ao final da narrativa é a de que ela não conseguirá desvincular o trauma de sua identidade, pois ele se inscreveu por meio de marcas profundas em sua mente e em seu corpo. Seja no inconsciente latente ou no reprimido, o trauma, metaforicamente, atua como uma voz dentro da mente: às vezes grita, em outras sussurra, mas nunca deixa de ecoar, reverberando em cada pensamento e em cada silêncio.

## REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Corpo desfeito**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. Tradução de Méri Frotscher. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 115–127, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642/pdf>. Acesso em: 6 jan. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 23. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2024.

ESTÁTUA do Padre Cícero no Horto completa 55 anos nesta sexta, 1º. **Notícias Prefeitura de Juazeiro do Norte**, Juazeiro do Norte, 30 out. 2024. Disponível em: <https://juazeirodonorte.ce.gov.br/informa/29761/est-tua-do-padre-c-cero-no-horto-completa-55-anos->. Acesso em: 30 jul. 2025.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro, Imago, 1996a. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. 18).

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id**. São Paulo: Companhia das letras, 2011. (Obras completas: O Eu e o Id, Autobiografia e outros textos, v. 16).

FREUD, Sigmund. **Um distúrbio de memória na acrópole**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. 22).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice: Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares; OLIVEIRA, João César Abreu de. Fé e Identidade sacra: o espaço sagrado de Juazeiro do Norte/CE. **Observatorium**: Revista Eletrônica de Geografia, Uberlândia, v. 1, n. 3, p. 38–50, dez. 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Observatorium/article/view/44103/23324>. Acesso em: 6 jan. 2025.

VICELMO, Antônio. Cariri é berço de cultura e religiosidade. **Diário do Nordeste**, [s. l.], 5 jun. 2005. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/cariri-e-berco-de-cultura-e-religiosidade-1.546758>. Acesso em: 30 jul. 2025.

RECEBIDO EM: 01/08/2025 | ACEITO EM: 01/12/2025